



TRABALHO DOMÉSTICO FEMININO: UM ESTUDO NA BAIXADA FLUMINENSE - RJ

Tatiane de Oliveira Pinto (1); Leticia Carvalho de Mesquita Ferreira (2)

Fundação Getúlio Vargas, oliveira.tatianede@gmail.com; Fundação Getúlio Vargas, leticia.ferreira@fgv.br

RESUMO: O presente texto apresenta uma reflexão sobre o trabalho doméstico na Baixada Fluminense – RJ. Trata-se de um estudo inicial de doutorado sobre o trabalho doméstico feminino, numa perspectiva de classe, onde se objetiva refletir sobre os significados atrelados às representações do feminino em um segmento específico dos grupos populares. O estudo será desenvolvido em uma perspectiva etnográfica, onde se pretende também constituir uma “rede” de mulheres, a partir das entrevistas e de uma possível indicação de outras mulheres progressivamente, à medida em que for realizado. Como a investigação encontra-se em fase inicial, nossos resultados são parciais. Até o presente momento foram mapeadas duas instituições que já tiveram em seu quadro de atividades de qualificação, atividades voltadas para o trabalho doméstico. Durante o mapeamento inicial algumas mulheres foram entrevistadas. Durante o mapeamento em uma das instituições, foi possível perceber que o trabalho doméstico traz marcas do estigma e de um ofício pouco valorizado, uma vez que em todas as falas era presente a afirmativa de que o trabalho doméstico não é uma atividade desejada pelas mulheres. Como se trata de um estudo em fase inicial, acreditamos na necessidade de uma análise mais detalhada dessas questões, que poderão ser realizadas a partir de novos dados. Deste modo, poderemos fazer novas inferências sobre as mulheres trabalhadoras domésticas da Baixada Fluminense e contextualizar de forma mais ampla os fatores envolvidos em suas dinâmicas cotidianas de trabalho.

Palavras-chaves: Mulheres, Trabalho Doméstico, Baixada Fluminense.

INTRODUÇÃO: O presente texto apresenta uma investigação sobre o trabalho doméstico na Baixada Fluminense – RJ. Trata-se de um estudo inicial de doutorado sobre o trabalho doméstico feminino, numa perspectiva de classe, onde se objetiva refletir sobre os significados atrelados às representações do feminino em um segmento específico dos grupos populares. Brites (2013) afirma que, nas duas últimas décadas, houve um aumento do interesse acadêmico pelo tema do trabalho doméstico e, citando Bruschini, menciona que nos anos de 1990 e na primeira década do século XXI, muitos fatores fizeram surgir novos interesses acerca deste debate – muitos deles com relação à entrada crescente e

definitiva de mulheres no mercado de trabalho. Entre tais fatores destacam-se a reestruturação e flexibilização produtivas nas sociedades pós-industriais, que aumenta os índices de “feminização do trabalho”; a precarização do trabalho e o declínio do Estado de Bem-Estar Social em países desenvolvidos do hemisfério norte; além do envelhecimento populacional, que gerou uma crise global dos cuidados que, por sua vez, questionou a logística transnacional de divisão social do trabalho em que os recortes de gênero, etnia e nação estão entrelaçados. Problematizar a questão do trabalho feminino/doméstico na Baixada Fluminense como uma das questões centrais de uma



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

proposta de tese, nos leva a pensar na especificidade de espaços populares que possuem particularidades quanto aos atores sociais que deles fazem parte, da sociabilidade entre esses atores e ainda no que tange a questão urbana e habitacional. Para Barreto (2004), a Baixada Fluminense muitas vezes é tomada por favela e é sinônimo de área degradada física, moral, social e politicamente e é apresentada como exemplo de um cotidiano de violência e privação. Embora haja a representação de “escassez”, sobretudo por quem “está de fora” da região, é difícil se pensar em uma só Baixada uma vez que existem delimitações de ordens diversas, como a delimitação geográfica, por exemplo, e, para além dessa questão, não há uma “identidade de morador” compartilhada por todos os habitantes dos municípios que a compõem. Há também a questão do sentimento de quem é pertencente à Baixada: de abandono, rejeição e preconceito (BARRETO, 2004). No entanto, também existe ali um esforço coletivo em se produzir imagens positivas para a Baixada que possibilitaria reverter o estigma de uma região sem auto-estima, com imagens negativas, sobretudo por quem é “de fora” dessa região. Como pontua Enne (2004), *“trata-se de uma produção coletiva de identidades positivas, que visa atingir não só aos que nela residem, mas também a esse senso comum*

cristalizado”. Deste modo, objetiva-se discutir/refletir, do ponto de vista das mulheres/trabalhadoras, como o trabalho doméstico se insere na realidade do trabalho feminino e nos ‘papéis de gênero’ exercidos em seu cotidiano. O estudo se justifica a partir da possibilidade de se pensar a mulher, numa perspectiva que, rompa e/ou extrapole a vivência exclusiva de “cuidadora do lar”. Considerando a rentabilidade de discutir as categorias gênero e classe para compreender uma realidade cultural específica, problematiza-se aqui a dimensão social dos papéis femininos. Nessa perspectiva, discutem-se formas de manifestação de diferentes modos de ‘ser mulher’, expressos em domínios sociais na contemporaneidade.

METODOLOGIA: No estudo em questão estão sendo privilegiados os procedimentos técnicos de pesquisa qualitativa. O desenvolvimento desse tipo de pesquisa pode trazer respostas a questões muito particulares. Nas Ciências Sociais, essa pesquisa, se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificada, pois se ocupa com o universo de “significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”, o que equivale a um universo profundo das “relações, processos e fenômenos” que não se reduzem à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1994). O estudo será desenvolvido em uma perspectiva etnográfica,



numa tentativa de buscar “*pela lógica e pela coerência internas do discurso do universo pesquisado*”, como pontua O’Donnell, (2013). Objetiva-se ainda formar uma “rede” de mulheres, a partir das entrevistas e de uma possível indicação de outras mulheres progressivamente, à medida que o estudo for realizado. O universo de pesquisa deverá ser composto por mulheres, oriundas de camadas populares, trabalhadoras, empregadas domésticas e moradoras do município de Nova Iguaçu. Pretende-se encontrá-las em instituições como o Sindicato das Domésticas do referido município e ainda em instituições que oferecem cursos de qualificação e/ou treinamentos para esse tipo específico de atividade. Até o presente momento foram mapeadas duas instituições localizadas em Nova Iguaçu. A primeira instituição tem foco na promoção/assistência social e possuía em seu quadro de cursos de capacitação, um curso específico voltado para a formação de trabalhadores domésticos. Trata-se da Casa Francisco de Assis, vinculada a uma instituição maior que é o Lar Fabiano de Cristo. A outra instituição mapeada foi a Sociedade Filantrópica São Vicente, mais conhecido como Patronato que, embora tenha suas ações voltadas para a educação infantil de crianças carentes, oferece atividades voltadas para adultos (pais e/ou responsáveis pelas crianças assistidas).

RESULTADOS E DISCUSSÃO: Como mencionado anteriormente, o estudo encontra-se em fase inicial e as instituições mapeadas até o presente momento nos permitem traçar as seguintes considerações: A primeira instituição mapeada, o Lar Fabiano de Cristo – Casa Francisco de Assis possuía em seu quadro de cursos de capacitação, um curso específico voltado para a formação de trabalhadores domésticos, o LDHD – laboratório de desenvolvimento de habilidades domésticas – que era voltado para homens e mulheres, a partir dos 16 anos de idade. No início do ano de 2015, o curso foi fechado por falta de recursos, mas ao que tudo indica, provisoriamente. Na ocasião das visitas a Casa Francisco de Assis, foi possível entrar em contato com a última professora do curso de LDHD e duas ex-alunas. Nas falas das ex-alunas, embora tenham cursado o LDHD não pretendiam atuar como empregadas domésticas. Matricularam-se no curso para manterem vínculo com a instituição, mas não intencionavam ter como profissão o ofício, sobretudo pela questão do estigma e da pouca valorização. No encontro com a professora, nos foi informado que a maioria das jovens, algumas já mães, intencionava estar fora de casa, obter uma autonomia em relação à família e por isso a procura pelo curso. Nas palavras da professora, não havia o interesse específico



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

das jovens em se tornarem empregadas domésticas. O interesse era em se instrumentalizarem, para terem a própria casa. De acordo com o que a professora nos relatou essas meninas não atuaram, após o curso, como empregadas domésticas. Na segunda instituição mapeada, a Sociedade Filantrópica São Vicente – o Patronato – oferece cursos de qualificação e dentre as ‘oficinas’, identificamos a de Artes Domésticas, que consiste em oferecer formação nas áreas de babá, cozinheira e que tem como público alvo mulheres que tenham ou buscam ter alguma inserção em atividades de trabalho doméstico. Os cursos terão início em março de 2016 e serão realizadas as primeiras entrevistas, com as alunas que já possuem uma prática de trabalho doméstico.

CONCLUSÃO: Tendo em vista que o trabalho de campo propriamente dito, ainda não teve início, não se pode chegar a muitas conclusões acerca do tema principal do estudo. Consideramos a necessidade de uma análise que contemple outros sujeitos (outras mulheres) em situações reais de trabalho doméstico. No entanto, durante o mapeamento no Lar Fabiano de Cristo, com a constatação do fechamento do curso, e a partir das conversas com a ex-professora e as ex-alunas, foi possível compreender que o trabalho doméstico traz marcas do estigma e de um ofício pouco valorizado, uma vez que

em todas as falas era presente a afirmativa de que o trabalho doméstico não é uma atividade desejada pelas mulheres. Em nenhum momento as mulheres se mostraram contra a atividade doméstica, mas deixaram claro que se houverem outras oportunidades, menos “depreciativas”, essas seriam as escolhidas por elas. Na segunda instituição mapeada, ao conversar com representantes da diretoria, ficou evidente que as atividades oferecidas em curso específico de “empregada doméstica” tinham pouca procura pela comunidade. Com a nomenclatura de “Artes Domésticas”, segundo a diretoria da instituição, os cursos têm uma maior demanda. Assim, tem-se a idéia de que as mulheres têm uma preferência em se qualificar como cozinheiras, babás, e não empregadas domésticas propriamente ditas, embora saibamos que as atividades estão relacionadas aquelas realizadas no espaço privado da casa. Como dito anteriormente, acreditamos na necessidade de uma análise mais detalhada dessas questões, que poderão ser realizadas a partir de novos dados. Deste modo, poderemos fazer novas inferências sobre as mulheres trabalhadoras domésticas da Baixada Fluminense e contextualizar de forma mais ampla os fatores envolvidos em suas dinâmicas cotidianas de trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

BRITES, Jurema Gorski. Trabalho doméstico: questões, leituras e políticas. *In: Cadernos de Pesquisa*, vol 42. Nº 149, p. 422-451. Maio/Agosto de 2013.

BARRETO, Alessandra Siqueira Barreto. Um olhar sobre a Baixada: usos e representações sobre o poder local e seus atores. *In: Revista Campos* 5 (2): 45-64, 2004.

ENNE, Ana Lúcia S. Imprensa e Baixada Fluminense: múltiplas representações. *In: Ciberlegenda*. n.14, 2004. Disponível em: <http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/222/118>. Acesso em: 06 Jul.2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. *In: Pesquisa Social: teoria, método e criatividade* / Suely Ferreira Deslandes, Otavio Cruz Neto, Romeu Gomes, Maria Cecília de Souza Minayo (org.) 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 1994.

O'DONNELL, Julia. Caminhos de uma antropologia urbana. *In: Anuário Antropológico* [Online], II | 2013. Disponível em: <http://aa.revues.org/502>. Acesso em 10 Mar de 2015.





XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES



www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br